

EBAC

MANIFESTO INTERIORES

BRUNO SIMÕES

MANIFESTO INTERIORES

COMO TORNAR A DISCIPLINA DE INTERIORES RELEVANTE? Essa foi uma questão com a qual me deparei em 2016 quando recebi de Alex Avramov o convite para criar e coordenar a cadeira de Design de Interiores da EBAC. O que os alunos precisam como conteúdo e método para criarem um olhar único, autoral, e ao mesmo tempo competitivo para seus futuros criativos?

O mais difícil nesse processo de autocrítica da profissão foi eliminar a gordura, superar normas ou tendências em voga para alcançar a essência de onde reside a qualidade genuína de um projeto de interiores. Isso ao meu ver é o mais importante - a transformação do gosto em filosofia, ou disciplina. Na busca por esse “método” me deparei com certos conceitos que ao meu ver são fundamentais para o desenho de um bom espaço, independente de tipologia ou escala - LUZ; COR; MATERIALIDADE; NATUREZA; SENTIDOS.

Deixo de fora o termo ESPAÇO, mas justamente por esse ser o mais importante e relacionado diretamente à comunhão dos demais. O entendimento do espaço pressupõe esses e demanda noções de escala, proporção, geometria. A liberdade de expressão ou do gesto requer um

domínio de fatores racionais como função; circulação e permanência; ventilação entre outros. A qualidade do espaço é o nosso objetivo aqui e sua investigação é o método.

Mas a abordagem escolhida é a do olhar interno, HUMANO, e o que podemos trazer de nós para um ambiente físico. O espaço como elemento sensível, passível de transformação e amadurecimento, que aprende com o tempo. Acredito que não existe uma única verdade ou lei que rege o gosto e sim a construção de um pensamento - um processo criativo que envolve PESQUISA e ORIGINALIDADE.

Ao final, o mais importante para responder a questão inicial é romper a relação entre interiores e decor. Entender que solucionar um espaço não é resolvê-lo esteticamente seguindo padrões ou vícios de mercado. É investigá-lo, entendê-lo e transformá-lo, deixando um pouco de si no processo e também criando espaço para o OUTRO.

Bruno Simões

I. LUZ

PARA O ARQUITETO Louis Kahn as experiências de espaço e luz são inseparáveis. Da presença de luminosidade surgem as cores e a possibilidade de se criar uma experiência poética que se expande para a dimensão tátil no instante em que as sombras revelam as texturas de uma superfície.

A percepção total de um ambiente e sua qualidade sensível depende diretamente desse fenômeno. A luz natural conecta diretamente à nossa humanidade, à noção de tempo, seja pela passagem do dia para a noite ou de uma estação para outra; ou mesmo a movimentação de uma sombra de árvore ou uma nuvem que cruza o céu. Em cada um desses momentos a luz carrega uma infinidade de informações sensíveis como temperatura e luminância que nos impactam de alguma forma.

“A LUZ TRANSFORMA A SENSAÇÃO EM UM ESPAÇO MINUTO À MINUTO”

John Pawson



LIFE HOUSE - John Pawson

Justamente por essa razão, arquitetos que dominam seus princípios são capazes de criar projetos que nos conectam à um certo estado de espiritualidade, como no caso das obras monumentais em concreto do japonês Tadao Ando. Através de planos e aberturas ele controla com precisão o momento e a maneira como a luz “toca” o espaço construído. Da mesma maneira, o mexicano Luís Barragán criava aberturas que emolduravam a luz para gerar distintas sensações, nesse caso fazendo também o uso da cor como elemento essencial.

Parece então bastante lógico que é necessário saber trabalhar a sombra tão bem quanto a luz, desenhá-la. A altura de uma parede, das árvores num jardim, as dimensões de uma janela não apenas filtram a luz, mas transformam as superfícies - o espaço, e consequentemente nossa convicção de existência.

Nesse jogo de equilíbrio são também de extrema importância recursos artificiais e tecnológicos que nos auxiliam à enriquecer a experiência espacial enquanto agregam beleza - de cortinas ou elementos vazados que controlam a intensidade de luz natural à temperatura de cor de uma lâmpada ou seu rebatimento. Com um propósito claro, uma intenção, a simples escolha de uma luminária (ou ausência completa) se torna determinante na criação de um espaço.

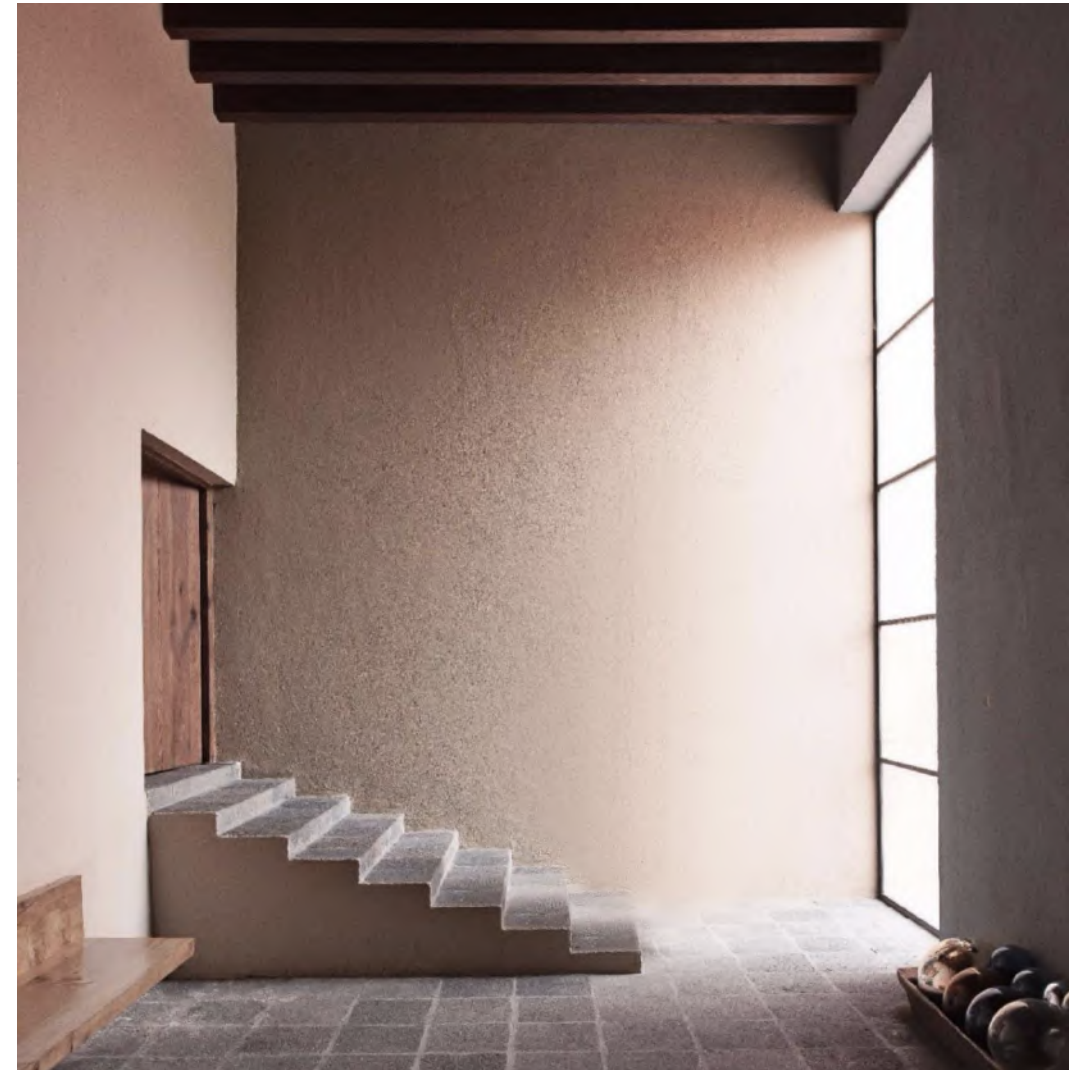
“A LUZ PODE SER UTILIZADA COMO UM OBJETO”

Tadao Ando



FABRICA RESEARCH CENTER - Tadao Ando

CASA E ESTÚDIO BARRAGÁN - Luis Barragán



CASA PEDREGAL - Luis Barragán



JAMES LAMP - Pierre Yovanovich



IC LIGHTS - Michael Anastassiades



LOUVRE ABU DHABI - Jean Nouvel

II. COR

COMO REAGIMOS À COR? Examinar o efeito das cores sobre nossa percepção espacial está intrinsecamente conectado ao ato de criar um estilo determinado, uma atmosfera, evocar uma sensação em particular - a sensibilidade do tom, de contrastes e nuances.

Do impacto imediato e energético do vermelho ao azul e sua sensação de conforto, a cor representa uma das primeiras camadas de conexão.

A cor mutável - aquela que se transforma sobre diferentes superfícies, sobre diferentes intensidades de luz, que se transforma com o tempo. Essa é a cor que me interessa, a que acumula história. Independente de como foi o processo de fabricação - industrial ou artesanal, a cor queima, desbota, “envelhece” ou simplesmente cansa e é hora de mudar. Essa sensação de dinamismo é fascinante, como é a de descoberta ao ver como sua escolha transforma o ambiente.

Nesse aspecto o fenômeno do metamerismo é de extrema importância: entender que a cor muda conforme a fonte de luz - que duas amostras iguais se comportam de modo diferente em condições distintas, por exemplo uma sob a luz natural e outra sob iluminação incandescente.



LA DEFENCE OFFICES - UN Studio

“É INACREDITÁVEL COMO AS CORES SÃO CAPAZES DE RESPIRAR SE AS USARMOS DIREITO”

Hella Jongerius

Uma designer que dedicou sua vida profissional ao entendimento desse fenômeno é a holandesa Hella Jongerius. Entre produtos industriais, obras de arte, exposições e publicações, Hella sempre se vale da cor como ponto de partida - em como ela pode apresentar ao consumidor ou público uma percepção dessa mutação, do instável, de tons menos uniformes e previsíveis. E quem sabe, aos poucos, educá-los a respeito de um novo universo de possibilidades.

A cor muda nossa percepção de distância, dimensão, peso, temperatura; afeta fisiologicamente e psicologicamente; é repleta de simbolismos; nos cerca por todos os lados e é primordial ao ciclo natural do planeta. Mas na arquitetura e design é um elemento polêmico, por que será?

Em 1920, Le Corbusier escreveu o artigo intitulado “Purismo”, no qual defendia que um trabalho verdadeiro e notável tem a forma como elemento primordial, ao qual todo o resto se submete. Discurso que ganhou ainda mais intensidade em 1925 com seu livro “A Arte Decorativa” onde defende a pureza absoluta do branco. Um olhar que se disseminou entre a maioria dos criadores que enxergam o branco como o símbolo do “bom gosto” e da expressão espiritual.

Mas a cor tem uma história cíclica, como todos os movimentos artísticos, e não são poucos os momentos em que assumiu proeminência, como no período da Bauhaus, do De Stijl, no design dos anos 60, ou mesmo através nomes como Antoni Gaudí e Luís Barragán. Outro holandês, o arquiteto Ben van Berkel, fundador do UNstudio, defende:

“A COR PODE DAR AO EDIFÍCIO UM MAIOR CARÁTER EMOCIONAL E CULTURAL”.

É claro que paletas mais contidas sempre terão grande audiência - o branco e preto do minimalismo que nunca deixam de atrair atenção, por exemplo. Mas nos cabe pensar a respeito de toda uma gama de outros tons suaves (ou não) e combinações que podem ser experimentadas e capazes de elevar nosso espírito.

PIRANA RESTAURANT - Sella Concept



VLINDER SOFA - Hella Jongerius



GOLRAN - Dimore Studio

III. MATERIALIDADE

EM MEIO A ERA DA INFORMAÇÃO ou Revolução Digital é notável o quanto passamos à confiar nos estímulos visuais em detrimento das demais experiências sensoriais. O quanto uma tela plana nos abre uma infinidade de possibilidades enquanto limita a nossa percepção do todo.

É verdade que as vozes se multiplicaram e o mundo ampliou seus horizontes através do incremento tecnológico, mas o contato físico se dissipou, tanto com o que está ao nosso redor como com coisas feitas apenas para serem vistas e não tocadas. Uma arquitetura voltada à materialidade é capaz de resgatar a experiência do corpo por inteiro, criar uma sensação plena que passa por todos os sentidos - estimula o tocar, cheirar, provar e ouvir.

As texturas e cores de um ambiente; sua quantidade de luz natural ou artificial; suas proporções e formas dialogam diretamente com nosso corpo e dos demais ao nosso redor, criando um senso de comunidade. Esse entendimento de seus efeitos podem nos ajudar a tomar decisões que sejam menos automatizadas, que não necessariamente obedecem predicativos financeiros ou industriais - que buscam uma investigação emocional, regional, social e natural da materialidade.

Não por acaso filosofias como a japonesa wabi-sabi (a valorização das imperfeições) ganham cada vez mais voz e nosso “pensamento manual” tem sido resgatado. A universalidade do aço, do vidro e do concreto dá lugar ao barro, a pedra, aos aglomerados e uma série de derivados de origem local, cada vez mais apoiados por práticas com responsabilidade ambiental.

“ASSIM COMO A MÚSICA, A RIQUEZA DAS TEXTURAS, DO CHEIRO E TOQUE DOS MATERIAIS, DIZ ALGO SEM EXATAMENTE REVELAR O QUE”

Steven Holl

Isso não quer dizer um retorno ao estado primitivo, ou uma defesa ao historicismo, mas uma preocupação com formas de consumo, com a verdade dos processos e da pesquisa, com um entendimento de como toda essa fabulosa tecnologia pode nos auxiliar a criar. Entender que a escolha do material parte de um estado de espírito, de uma voz autoral.

Frank Lloyd Wright passou seus anos em Los Angeles (década de 1920) aperfeiçoando a técnica do bloco estrutural de concreto. Foram ao todo quatro casas usadas como laboratórios para o desenvolvimento de um único e novo elemento construtivo que não apenas trazia agilidade à construção, mas sim representava seu estado espiritual. Cada bloco trazia uma tridimensionalidade inspirada pela simbologia pré-colombiana, como uma mimetização dos grandes templos de sacrifício dos povos Astecas - cultura que impactou o arquiteto em seus últimos trabalhos, talvez como uma resposta material ao seu sofrimento pela trágica perda da família.

Mas não precisamos ir longe e pensar a respeito do nosso próprio cobogó, uma invenção nacional capaz de alinhar tecnologia, funcionalidade e expressão formal. Um recurso que cria drama, que transforma o espaço conforme a passagem da luz e que potencializa nossa percepção das texturas.

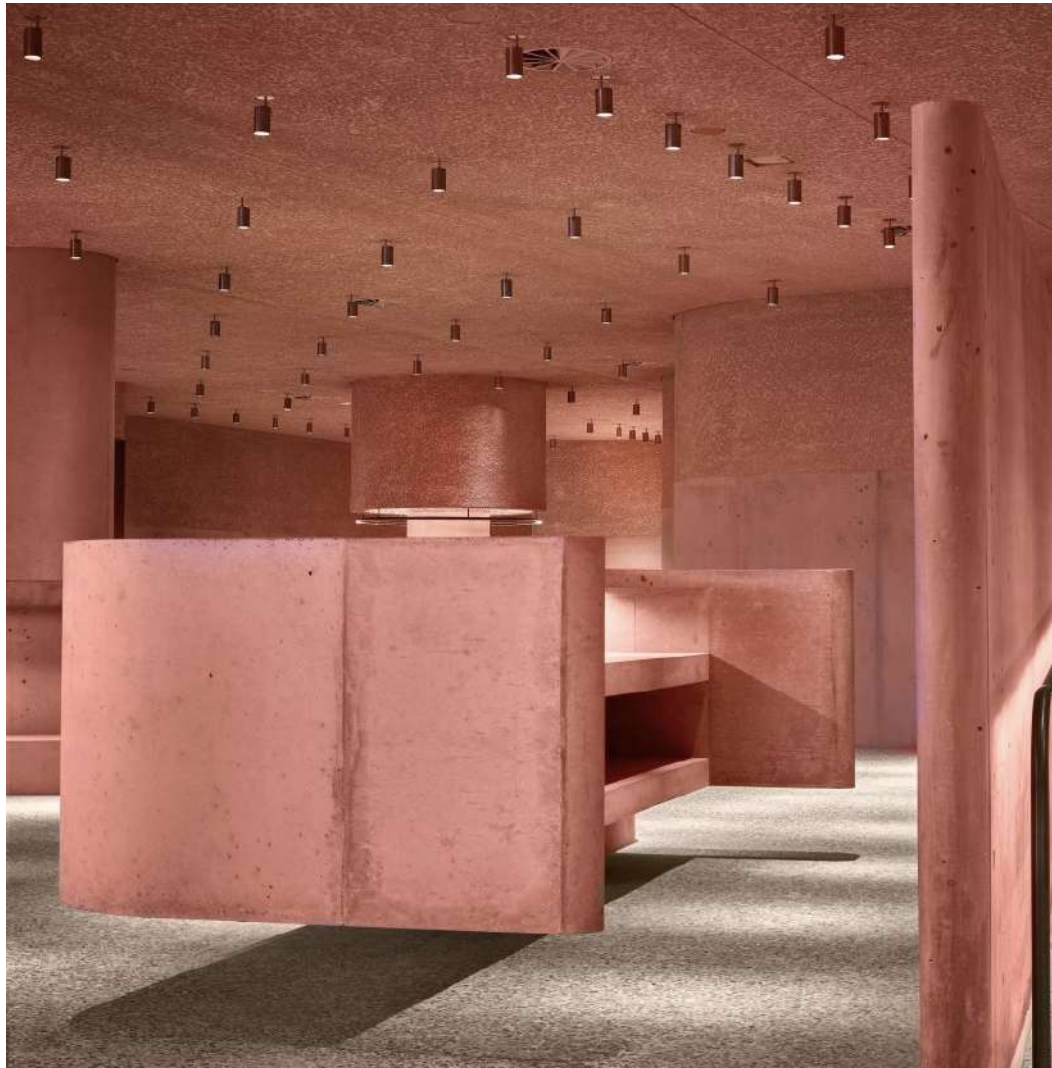


CITÉ DE L'OcéAN ET DU SURF - Steven Holl

CASA COBOGÓ - Studio Mk27



MILLARD HOUSE - Frank Lloyd Wright



THE WEBSTER - David Adjaye



ITURBIDE STUDIO - Rocha Carrillo



KANAAL DUPLEX - Axel Vervoordt

IV. NATUREZA

SE ATUALMENTE DISCUTIMOS CONCEITOS COMO BIOFILIA ou Biomimética na prática da arquitetura e design, é também necessário lembrar que passamos um par de décadas de total descaso com a natureza, construindo verdadeiras barreiras entre os espaços internos e externos, ou então sem nos preocuparmos com a origem dos materiais e seu descarte.

Fundamentada em métodos de construção extrativistas, a arquitetura do final de século priorizou o avanço técnico e fundamentos formais de grande escala que levaram ao ápice da arquitetura high-tech dos anos 90, onde nosso conforto nos arranha-céus é garantido por sofisticados sistemas automatizados de climatização artificial enquanto somos incapazes de abrir uma janela de suas imensas fachadas espelhadas que refletem calor para os pedestres na rua.

Mas dando um passo para trás, o início do modernismo foi marcado por propostas inovadoras que de algum modo entendiam a necessidade dessa aproximação orgânica entre seres humanos e o ambiente natural. Frank Lloyd Wright enraizava suas construções no solo a tal ponto que arquitetura e natureza se transformam em um só corpo, como na icônica casa Fallingwater; e mesmo os “frios” pilotis de Le Corbusier buscavam essa ligação.



FALLINGWATER - Frank Lloyd Wright

Outros casos entre as décadas de 40 e 50 demonstram a mesma preocupação: embora as superfícies das casas de Luís Barragán fossem repletas de cor, ele nunca utilizava o verde - esse vinha apenas da natureza, através de janelas projetadas milimetricamente com esse propósito. Outro exemplo - a Casa de Vidro, projetada por Lina Bo Bardi entre 1949 e 1951, onde a pequena construção “pousa” sobre a natureza que toma conta de todo o terreno de 7.000m² e pode ser vista de todos os cômodos sociais completamente envidraçados.

Há ainda casos emblemáticos como Burle Marx, que conseguiu extrapolar a formação em artes plásticas e praticou paisagismo em escala urbana; pesquisa botânica; e colaborou com a formação da linguagem arquitetônica nacional.

É justamente o resgate dessas atmosferas construídas que a arquitetura e o design contemporâneo buscam resolver. Desde conceitos simples porém de extremo impacto, como as paredes verdes do paisagista francês Patrick Blanc; ou o Bosco Verticale, do arquiteto milanês Stefano Boeri, em que duas altas torres residenciais abrigam 800 árvores e mais de 20.000 mudas de pequenos arbustos e forrações - contribuindo para o controle de umidade interna, produção de oxigênio e absorção de CO₂.

Está claro que a nossa evolução está cada vez mais conectada aos ensinamentos da natureza/ da biologia - elementos essenciais para uma melhor qualidade de vida e bem estar. Nossos projetos precisam não apenas respeitar a origem dos materiais, ter uma conexão geográfica, climática ou mesmo cultural, mas também dialogar, aprender e mutar como organismos vivos.

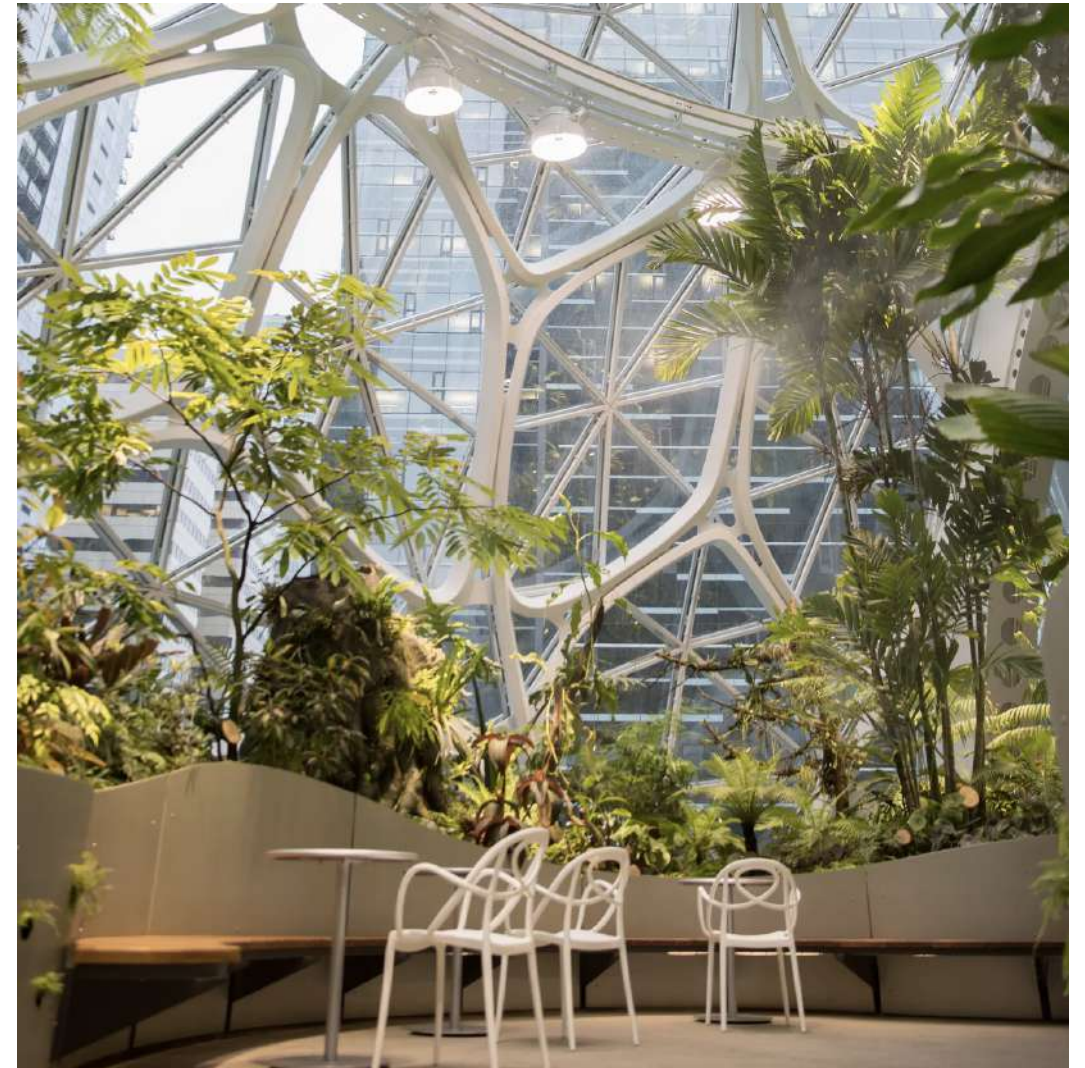
**“É NOSSA TAREFA CRIAR ESPAÇOS
PARA COEXISTÊNCIA DA DIVERSIDADE
BIOLÓGICA E CULTURAL - PARA A
MULTIPLICAÇÃO DA VIDA”**

Stefano Boeri



CASA DE VIDRO - Lina Bo Bardi

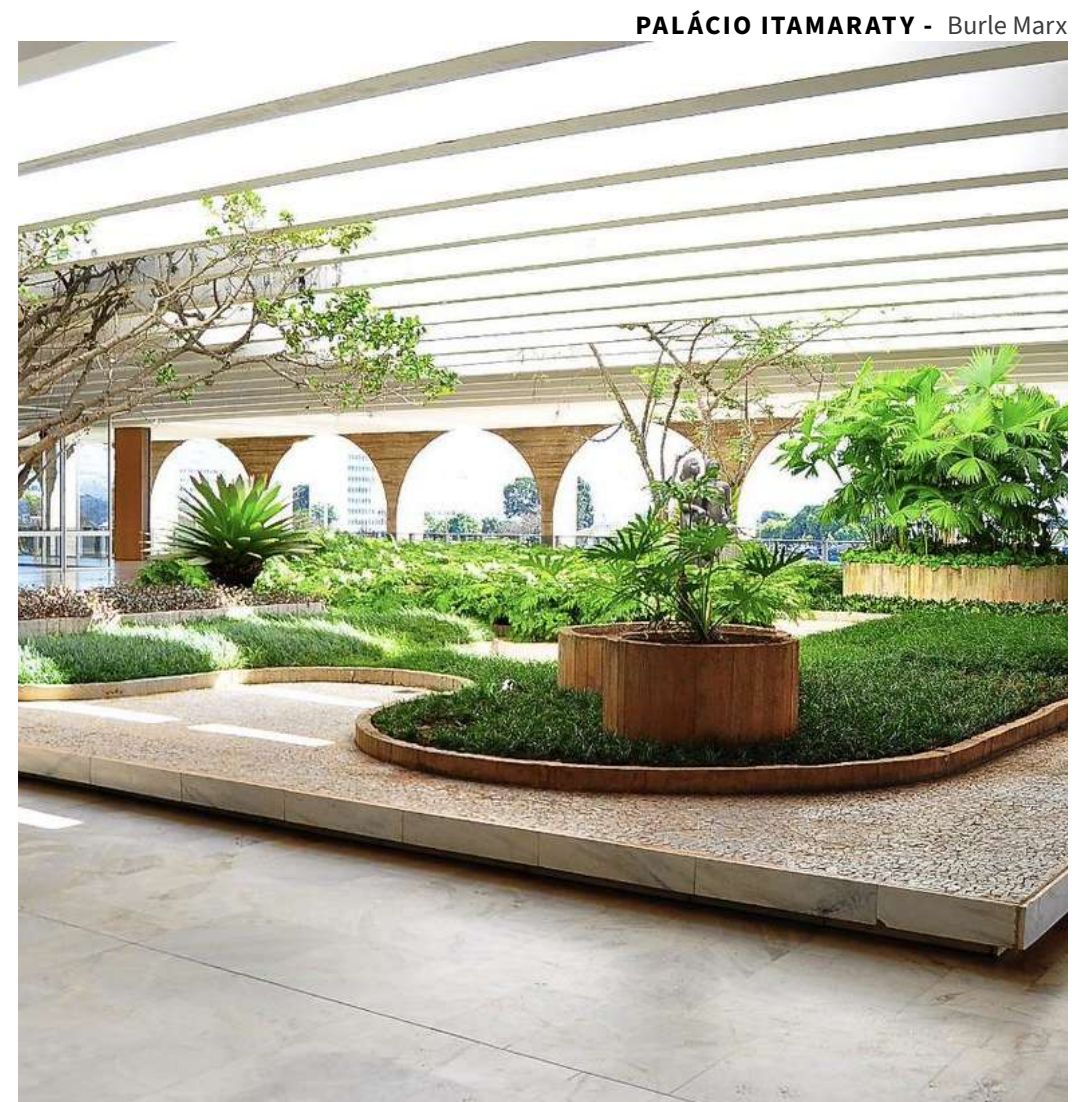
BOSCO VERTICALE - Stefano Boeri



AMAZON SPHERE - NBBJ



QUAI BRANLY - Patrick Blanc



PALÁCIO ITAMARATY - Burle Marx

V. SENTIDOS

CONFIAR APENAS NA VISÃO NÃO É O SUFICIENTE, como já discutido. O espaço capaz de emocionar ou acolher requer mais: luz, cor, materialidade e conexão com a natureza são os elementos primordiais de percepção ou identificação e o reflexo dessas escolhas num determinado projeto determinam nossas sensações nos mesmos, nosso comportamento - criam essa segunda camada de pertencimento guiada pelos sentidos.

E o designer tem os instrumentos necessários para conduzir o usuário numa jornada emocional quando entende o quão interconectadas devem ser as escolhas em cada elemento principal. É necessária a criação de uma narrativa que começa com o primeiro impulso, geralmente visual, e segue numa construção de expectativas e surpresas. Imaginemos um ambiente belo que em instantes se torna desconfortável e a experiência é arruinada...

Ou seja, o toque/ a sensação de conforto, é outro componente. Assim como o seu cheiro, capaz de criar uma lembrança duradoura. Esse é um recurso ainda muito sub-utilizado se pensarmos no imenso leque de opções que temos para trabalhar: velas, insensos, óleos essenciais, o próprio cheiro dos alimentos e das flores.

Por que não escolhemos o perfume da nossa casa do mesmo modo como



SOUP KITCHEN - Ilse Crawford

escolhemos uma fragrância para sair? E por que esse perfume precisa ser adicionado artificialmente? Por que não pode simplesmente ser interconectado à essência do espaço? Na escolha dos materiais, como de uma madeira; ou de plantas e flores que nos contem uma história pelos seus odores (e sabores) além de sua beleza; ou de velas que não apenas “decorem”, mas sim usadas como recurso real de iluminação, de relaxamento, de intimidade, descontração e com um cheiro consistente com essa vocação.

O mesmo vale para a audição se pesarmos que o ambiente respira/transpira, que se movimenta e que cada vez mais é capaz de dialogar conosco através de tecnologia sem fio ou mesmo inteligência artificial. O ambiente frio que reverbera os sons ou o quente que os abafa causam experiências distintas. Sons da natureza como o barulho de água nos acalmam enquanto o do tráfego nos estressa.

Mas a resposta não está em sua anulação e sim no equilíbrio, como trabalhar todos esses elementos, ou sentidos, de maneira criativa. Essa consciência é fundamental principalmente quando vivemos um movimento do slow living - de encontrar tempo para os hábitos, objetos e pessoas que nos são valiosas - de criar abrigos que permitam essa prática. Encontrar essa razão pessoal em nossa prática, em nossas casas, é fundamental para saber ouvi-las quando partirem do outro.

***“O DESIGN PODE SER ESSA COLA CAPAZ DE UNIR
TODAS AS PARTES PARA FORMAR O TODO”***

Ilse Crawford



ECLECTIC CANDLES - Tom Dixon

BANG & OLUFSEN - Layer



LOOPS - Brunno Jahara



BELGIAN HOME - Pierre Yovanovich

VI. APÊNDICE:

IDENTIDADE X COMUNIDADE

ENQUANTO O ATO DE CRIAR pode ser algo intensamente pessoal, ele também pode servir à libertação coletiva. Lina Bo Bardi acreditava nisso e pôs à prova em duas de suas principais obras - o Masp e o Sesc Pompéia.

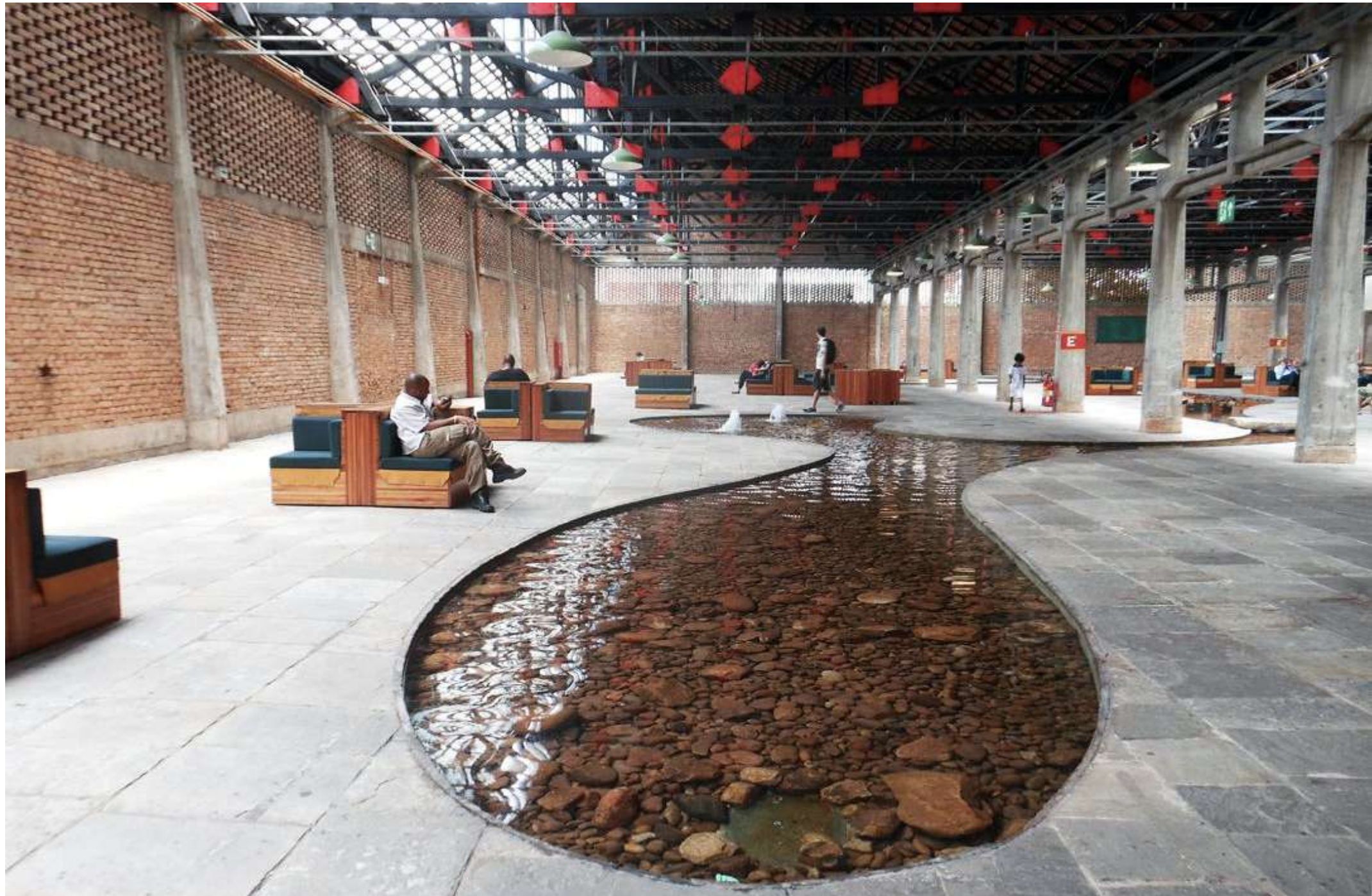
Ambos projetos exaltam uma preocupação comunitária, servem aos usuários e criam uma plataforma democrática enquanto trazem uma forte identidade plástica. São projetos que sobreviveram ao teste do tempo e à evolução do próprio termo “comunidade” que não simboliza mais apenas uma pequena região com moradores comuns, mas se ampliou para pessoas de diferentes faixas etárias, perfis e origens que compartilham os mesmos interesses.

*“NO FUNDO VEJO ARQUITETURA COMO SERVIÇO
COLETIVO E COMO POESIA”*

Lina Bo Bardi

Essa evolução, acompanhada da tecnologia, nos permite até mesmo entender o termo comunidade como algo muito além de condições geográficas ou espaço físico, como no caso das mídias sociais. Nesse contexto termos como coworking e coliving se tornam cada vez mais recorrentes e seu entendimento faz-se necessário. Precisamos projetar espaços que tragam caráter e representatividade para um grupo, que acolham e representem conceitos e filosofias comuns - espaços de coexistência e conexão.

Assim, nosso ato criativo pode abraçar ideias/ conceitos que expressam determinados comportamentos comuns enquanto trás algo de único - reflexo da equação pessoal criada por cada designer ao considerar todas as hipóteses e predicativos do ato de projetar. Com essa consciência do indivíduo e do todo nossa prática evolui a cada criação e nossos saberes e pontos de vista se fortalecem junto com nossa memória.



SESC POMPÉIA - Lina Bo Bardi

EBAC

A EBAC - Escola Britânica de Artes Criativas é uma instituição inovadora de ensino superior em Artes Criativas e Digitais que oferece cursos validados internacionalmente, além de programas de especialização e iniciação.

Em um ambiente de ensino inovador, a EBAC contribui com o aprendizado e com a troca de conhecimento, o que nos posiciona na vanguarda da economia criativa. Constantemente, a escola desenvolve metodologias e implementa tecnologias de ponta com o objetivo de enriquecer a experiência dos alunos.

Sempre atenta às mudanças que ocorrem ao nosso redor, as boas ideias e soluções que reforcem nossa missão serão sempre bem-vindas. A EBAC é uma comunidade vibrante de criativos, em que o conhecimento, a experiência e as conexões nos elevam a um patamar totalmente inovador, contribuindo para o pleno desenvolvimento pessoal e profissional, tornando ideias arrojadas em realidade.

Localizada no bairro da Vila Madalena, coração da indústria criativa de São Paulo, a escola tem a melhor infraestrutura e recursos de última geração para que seus alunos aprendam com o que há de mais atual.

A Escola possui parceria com a University of Hertfordshire, uma das mais renomadas do Reino Unido. Como a única instituição da América

Latina a oferecer diploma britânico validado no Reino Unido, União Européia e nos Estados Unidos, os alunos tem a oportunidade de obter o título internacional de bacharel em artes estudando no Brasil.

Os cursos de Especialização, ou CPD (Continuous Professional Development), da EBAC são desenvolvidos para profissionais experientes de diversas áreas de atuação, interessados em seu desenvolvimento profissional. Os programas permitirão aos alunos desenvolvimento de novas habilidades para futuros ou atuais empregos, preparando para os próximos desafios profissionais ou para iniciar uma nova carreira na indústria criativa.

Os cursos são nas áreas de Arte e Design, Audiovisual, Animação, VFX e Games, com duração entre 5 meses e 2 anos. Muitos deles são únicos para o Brasil. Eles são coordenados e ministrados por profissionais gabaritados de áreas da indústria criativa.



EBAC - Isay Weinfeld

EBAC

MANIFESTO INTERIORES

BRUNO SIMÕES